

OLHARES DOCENTES

Quenguêlêquêze e gritos de alma, a estática dual de Rui de Noronha e a literatura moçambicana¹

Priscila Finger do Prado

Doutora em Letras (Universidade Federal do Paraná) / Professora da UNICENTRO



Corpo da redação do semanário "O Brado Africano" - Lourenço Marques, 1935.

A palavra “quenguêlêquêze” significa lua nova e dá nome a um poema de Rui de Noronha, que apresenta um ritual de apresentação do filho à lua. Poema muito diferente, na forma e no tema, de “Gritos de alma”, do mesmo poeta, em que ele constrói um eu lírico que se ressentia por um amor que lhe causa dor, com uma estática europeia tradicional. Essa diferença entre os poemas

¹ Texto produzido no âmbito do Curso Introdução à Literatura Moçambicana, promovido pela Revista África e Africanidades, no segundo semestre de 2019, sob coordenação da professora mestra Nágila Oliveira dos Santos.

caracteriza uma das características da estética de Noronha, segundo Francisco Noa, a dualidade. Na leitura que Roselly Zenker Lopes apresenta de Pires Laranjeira, Noronha seria um herdeiro do terceiro romantismo português que, contudo, pela apropriação que fez de temas e imagens, representa as primeiras manifestações de uma moçambicanidade.

O poema mais famoso de Rui de Noronha intitula-se “Surge et ambula”, em que ele apresenta um chamado para o continente africano, que esteve adormecido, mas que deve se levantar e andar, buscando o progresso. E foi o que aconteceu com a literatura africana: ela se levantou e andou e, segundo alguns estudiosos, chegou a constituir uma certa moda, especialmente fora de África.



Jovem Rui em Lourenço Marques

Destaco aqui o caso de Moçambique e o amor que os acadêmicos têm alimentado em relação à escrita de Mia Couto. Para Francisco Noa, a relação entre Brasil e Moçambique, que começou unilateral, hoje ganha espaço a partir da academia. Contudo, ele ressalta, é importante que conheçamos mais da produção moçambicana, para não engessarmos a produção literária de um país a uma única figura (neste caso, a Mia Couto). Em entrevista concedida a Elaine Veras e Remo Mutzenberg, Francisco Noa comenta o processo de formação do sistema literário moçambicano, destacando a geração de 1940 por lançar as

luzes para o caminho trilhado depois por outros. Há, segundo ele, um primeiro momento de ênfase na poesia para, depois, buscar-se mais intensamente a prosa. Assim, se Rui de Noronha representa o momento da configuração do sistema, o trabalho de escritores como Mia Couto, João Paulo Borges Coelho, Eduardo White, Luis Carlos Patraquim e Paulina Chiziane representa o caminho da consolidação desse sistema, segundo vocabulário emprestado de Antonio Candido. Para Noa, “a alma dos africanos é diversa, e ela tem diversas manifestações, e cada escritor vai capturando as várias facetas que essa alma tem”. Por isso, a todos que se interessam pela literatura moçambicana, é importante que conheçam a obra de cada vez mais autores, desde os pioneiros até os contemporâneos, a fim de conhecer mais facetas da alma africana.

Referências

MUTZENBERG, Remo e VERAS, Eliane. Surget et ambula: Literatura e (des)construção da nação. **Revista Estudo de Sociologia**. [online]. 2014, vol. 2, n. 20. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235547/28514>>. Acessado em setembro de 2019.

LOPES, Rosely Zenker Barbosa (2007). Os meus versos, de Rui de Noronha. **Revista Crioula**, n. 1 (20017). Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/53325/57335>> .Acessado em setembro de 2019.